



DA CONSPIRAÇÃO AO 5 DE OUTUBRO DE 1910

1. Grémio Lusitano (Rua do Grémio Lusitano, 25)

Por iniciativa de Machado Santos, teve lugar no Grémio Lusitano, na noite de 14 de Junho de 1910, uma reunião magna da Maçonaria Portuguesa. Nessa reunião foi criada a Comissão de Resistência, presidida por José de Castro, à qual viria a competir a coordenação e unificação de esforços de três entidades distintas: Maçonaria, Carbonária e Directório do Partido Republicano. Assumindo desde a sua génese a natureza de Junta Revolucionária, dirigiu, com essa designação, o movimento revolucionário iniciado na madrugada de 3 para 4 de Outubro.

2. Residência da mãe do membro do Directório Inocêncio Camacho (Rua da Esperança, 106)

Às 8 horas da noite de 3 de Outubro, José Relvas dirigiu-se, com cerca de meia centena de revolucionários militares e civis, para a casa da mãe de Inocêncio Camacho, situada na Rua da Esperança, 106, 3.º andar. Nessa reunião determinante, foi tomada a decisão de dar início à Revolução à 1 hora da madrugada de 4 de Outubro. Cândido dos Reis terá afirmado: “A Revolução ou se faz esta noite ou não se faz.”

3. Edifício dos Banhos de São Paulo (Travessa do Carvalho, 21)

Obra do arquitecto francês Pierre-Joseph Pezerat, foram construídos entre 1850 e 1858. Propriedade de Joaquim Pessoa, revolucionário civil, o edifício foi escolhido, dada a sua proximidade do Tejo, para centro operacional da Revolução na madrugada de 4 de Outubro. Depois da meia noite aí se reuniram João Chagas, António José de Almeida, Machado Santos, Inocêncio Camacho, José Barbosa, Afonso Costa, António Maria da Silva, Cupertino Ribeiro, José Relvas, Ricardo Durão, Manuel Duarte, Celestino Stefanina, Guilherme de Sousa e Soares Guedes. O edifício foi evacuado, nessa mesma madrugada, após telefonema avisando do assalto iminente da polícia.

4. Quartel de Campo de Ourique (Rua da Infantaria 16, 30)

Neste bairro tiveram início as movimentações terrestres da Revolução, pela intervenção de Machado Santos, que se dirigiu na noite 3 de Outubro para o Centro Escolar Democrático de Santa Isabel, na Rua de Campo de Ourique, 77 (hoje 93), foco de propaganda republicana desde 1906. Daí saiu, na madrugada de dia 4, liderando um grupo de revolucionários civis, facto assinalado em lápide colocada na fachada do edifício no 2.º aniversário da implantação da República. Também em Campo de Ourique, no n.º135 da Rua Saraiva de Carvalho, outra lápide indica o local onde explodiu, na mesma madrugada, a primeira granada para a implantação da República, disparada pelo Regimento de Artilharia 1. Foi efectivamente neste Bairro que começou o movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910. No Quartel de Campo de Ourique, estava instalado o Regimento de Infantaria 16 (Actual Escola do Serviço de Saúde Militar). Foi o primeiro regimento a aderir à revolução. António Maria de Azevedo Machado Santos (1875-1921) dirigiu-se ao aquartelamento do regimento, colocou-se junto ao portão, que antes já tinha sido secretamente preparado para a invasão, e entrou no quartel, cerca de uma hora da madrugada, com umas dezenas de carbonários. Antes, já um cabo revolucionário provocara o levantamento da maior parte da guarnição. Um comandante e um capitão que se tentaram opor foram mortos a tiro. O comissário naval seguiu depois com cerca de 100 praças para o Regimento de Artilharia Um.

5. Hotel de l'Europe (Rua Garrett)

Foi, nas palavras do próprio José Relvas, o “quartel-general durante as horas da Revolução, desde a manhã de 4 até às 7 horas de 5.” Para lá se dirigiu acompanhado de Eusébio Leão, e a eles se juntaram outros revolucionários: Carvalho Neves, José Barbosa, Celestino Stefanina, Ricardo Durão, Carlos Relvas, Joaquim Romão. Na madrugada de dia 5, usaram um dos mais altos quartos do Hotel como observatório para o Tejo, aguardando o desembarque da Marinha.

6. Redacção de A Luta (Rua Anchieta, 5)

Jornal dirigido por Brito Camacho, que se manteve na redacção desde as primeiras horas do movimento revolucionário até à proclamação da República. Funcionando como centro de acção e de informação, aí reuniu o único núcleo civil organizado da Revolução. Na redacção d'A Luta foram mandadas imprimir

e distribuir as 4 folhas da Junta Revolucionária, a primeira das quais, na tarde de dia 4, desmentindo a morte do almirante Cândido dos Reis.

7. Quartel de Campolide (Rua da Artilharia Um)

Antes do comissário naval Machado Santos chegar ao Quartel de Campolide já o capitão Afonso Palla e alguns sargentos, introduzindo alguns civis no quartel, haviam tomado a secretaria, prendendo os oficiais que se recusaram a aderir. Para aqui também se deslocou o capitão Sá Cardoso, um dos oficiais republicanos às ordens de Cândido dos Reis. Posteriormente, várias baterias saíram com destino à Rotunda. O quartel ficou a ser comandado pelo Sargento-ajudante Sangreman Henriques, sendo no dia 4 de Outubro alvo do fogo das baterias de Queluz, que se colocaram à esquerda da Penitenciária. Artilharia Um acabou por sofrer grandes rombos no seu quartel em consequência das granadas.

8. Quartel do Corpo de Marinheiros de Alcântara (Rua do Sacramento, a Alcântara)

Sensivelmente à mesma hora em que ocorriam levantamentos nos cruzadores Adamastor e São Rafael, o tenente Ladislau Parreira e alguns oficiais e civis introduziram-se no quartel do Corpo de Marinheiros, em Alcântara. À uma hora da madrugada conseguiram armar-se, sublevar a guarnição e aprisionar os comandantes, tendo um destes ficado ferido. Pretendia-se com esta acção impedir a saída do esquadrão de cavalaria da Guarda Municipal, o que foi conseguido. Depois saíram para atacar o Palácio das Necessidades. Mas foram obrigados a recuar face ao confronto com tropas de Infantaria 1 e Cavalaria 4. No entanto estas sofreram um profundo desaire ao serem atacadas à bomba por civis. Os comandos revolucionários dos dois cruzadores bombardearam o Rossio e o Palácio das Necessidades e foram reforçadas as guarnições do Quartel de Marinheiros com cerca de 1500 homens.

9. Rotunda (Praça Marquês de Pombal)

Neste local a revolução atingiu o seu ponto mais relevante. A permanência corajosa de Machado Santos na Rotunda, contra todas as orientações estratégicas, não respeitando o voto dos oficiais de Artilharia que ia no sentido do abandono do local, foi decisiva para a vitória republicana. Foi este valente comissário naval quem reuniu os sargentos em conselho. Decidiram continuar a lutar, dispostos a morrer, recusando a rendição. Colocaram canhões nas avenidas, improvisaram barricadas. Foi aumentando o apoio popular. Foi a resistência de Machado Santos que obrigou à ocupação do Rossio pelas tropas leais à monarquia. Esta situação permitiu a acção combinada e decisiva dos marinheiros revolucionários.

10. Estação do Rossio (Rua 1.º de Dezembro)

Ocorreram neste importante centro ferroviário de Lisboa vários acontecimentos de grande relevância. Logo em 18 de Junho de 1907 a estação foi testemunha de uma grande manifestação contra o ditador João Franco no seu regresso do

Porto. Uma imensa multidão o aguardava, com predominância para os elementos republicanos. Durante a revolução republicana, em defesa da estação, considerada pelo governo monárquico um ponto estratégico, esteve a guarda-fiscal que chegou a hostilizar civis. Através do Túnel do Rossio, dando a volta por Campolide, chegaram à estação vários praças de Caçadores 5 e de Infantaria 5, comandados pelo mestre de corneteiros deste último regimento. A Estação do Rossio era o ponto de chegada e partida dos destacados políticos portugueses nas suas viagens pelo país e estrangeiro. Nesta estação foi assassinado o presidente da República Sidónio Pais.

11. Tipografia Liberty (Rua do Livramento, 88 - 90)

A Papelaria e Tipografia Liberty, de Lamas & Franklin, era o ponto de encontro de republicanos e local de conspiração. Aqui, oficiais e sargentos aguardaram a hora para o assalto ao quartel de marinheiros. Foi esta a casa editora do livro intitulado “*A Revolução Portuguesa, 1907 – 1910, Relatório de Machado Santos*”, obra de referência para a História da Revolução Republicana, publicada em 1911. Aqui se publicaram ao longo dos anos vários livros de autores republicanos e sobre a temática da República.

12. Paços do Concelho (Praça do Município)

Edifício construído entre 1867 e 1880, segundo projecto de Domingos Parente, com alterações de Ressano Garcia. Da varanda dos Paços do Concelho, na manhã do dia 5 de Outubro, José Relvas anunciou solenemente à multidão reunida na Praça do Município que estava proclamada a República em Portugal. Na mesma ocasião, foram apresentados os membros do Governo Provisório.